

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
18 e 21 de Julho de 2022

THE BROTHER FROM ANOTHER PLANET / 1984

Um filme de John Sayles

Realização, Argumento e Montagem: John Sayles / Direcção de Fotografia: Ernest R. Dickerson / Direcção Artística e Cenários: Nora Chavooshian e Stephen J. Lineweaver / Guarda-Roupa: Karen Perry / Música: Martin Brody e Mason Daring / Som: Eric Taylor / Efeitos Especiais: David M. Geshwind / Interpretação: Joe Morton (o “Irmão”), Rosanna Carter (a mulher das Antilhas), Ray Ramirez (o hispânico), Yves René (o haitiano), Peter Richardson (o muçulmano), Ginny Yang (lojista coreana), Steve James (Odell), Leonard Jackson (Smokey), Caroline Aaron (Randy Sue), Bill Cobbs (Walter), Maggie Renzi (Noreen), Fisher Stevens (jogador de cartas), Dee Dee Bridgewater (Malverne), John Sayles e David Strathairn (os “homens de negro”), etc.

Produção: A-Train Films / Produtoras: Peggy Rajski e Maggie Renzi / Cópia: 35mm, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 110 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

The Brother From Another Planet corresponde a uma espécie cinematográfica raríssima: deve ser o único filme a fazer o traço de ligação entre o **E.T.** de Steven Spielberg (estreado um par de anos antes) e o **Do The Right Thing** de Spike Lee (que se estrearia no final da década, quer dizer, uns meros cinco anos depois deste). E se as aventuras de extra-terrestres encaixados no planeta Terra, e mais especificamente nas ruas do Harlem novaiorquino, por si só não bastassem para dar ao filme de John Sayles o estatuto de “chainon manquant” entre o filme de Spielberg e o filme de Spike Lee, avançamos dois dados objectivos que relacionam os três filmes. Primeiro, e como é sabido, foi um argumento original de Sayles, então ainda chamado *Night Skies* (e depois substancialmente alterado), que serviu de mola para a inspiração de Spielberg quando se atirou ao E.T.. Segundo: o director de fotografia de **The Brother From Another Planet**, que tão bem capta as cores e a luz do Harlem, seria o director de fotografia de **Do The Right Thing** (bem como de vários outros dos primeiros filmes de Spike Lee, de que foi um colaborador assíduo durante uma boa porção de tempo).

Claro que o filme também lembra – os “men in black” que procuram o rasto do protagonista (um deles é o próprio Sayles) – uma série de outros tropos do filme de ficção científica, explorados antes e explorados depois, mas por uma vez tudo isso é uma espécie de condimento, mais ou menos paródico, a espicaçar o realismo. E o realismo, inclusivamente o realismo político – o que desde logo desequilibra a balança mais para o lado de **Do the Right Thing** do que do de **E.T.** – é o fulcro do filme de John Sayles, mesmo que coberta por estas camadas de alegoria de “fc”. É a história de um extra-terrestre que era um escravo no seu planeta de origem, que é perseguido por caçadores de escravos intergalácticos, e que vem dar à Terra, onde adopta a aparência de um homem negro. E assim chega a Nova Iorque, entrando por Ellis Island e tudo (como se sabe, a histórica porta de entrada para a imigração chegada à América da Europa e das outras partes do mundo). A partir daqui os dados estão lançados: podemos esquecer a alegoria, o filme será um relato, ou um retrato da experiência americana como pátria de acolhimento e, mais ainda, como país multirracial. Que mundo tinha a América a propor a todos os “extra-terrestres” – a todos os não-brancos, não-WASPS

– que ali chegavam. Pois bem, isso é o coração do filme de Sayles.

Que é, a partir daí, um fabuloso retrato dos ambientes e do dia a dia do Harlem. A impressão comunitária vai sendo dada pela miríade de personagens secundárias com que o protagonista se cruza, e que ele ajuda ou o ajudam a ele de alguma maneira, e que correspondem justamente à diversidade multicultural daquele bairro novaiorquino. É uma história de integração, em todos os sentidos da palavra. Mas construída através do encaixe de pecinhas pequenas, vinhetas, episódios quase-gag, momentos puramente descritivos, que pulsam de vida e de genuinidade (o ambiente do bar, por exemplo, na fronteira entre o cliché e o seu rejuvenescimento à força de uma energia transfiguradora). Ao mesmo tempo, sente-se este mundo sob ameaça – é a ameaça da ficção científica, dos extraterrestres aos “men in black”. Mas essa ameaça confere um sentido especial à descrição calorosa, eventualmente idealista, da comunidade tal como Sayles a pratica. Como alguém escreveu: “*este não é um filme para salvar o mundo, é um filme para nos mostrar uma forma de viver no mundo*”. E Sayles, convém lembrar, tem uma costela fordiana (digamos que o mundo deste filme difere muito dos mundos que Ford filmou, mas o tipo de olhar é semelhante) que se revelaria em pleno no seu filme seguinte (o extraordinário **Matewan**). É um cineasta incapaz de filmar o mundo (ou *um mundo*) sem, no mesmo passo, filmar o seu amor por ele.

Daí que, mesmo contra o fundo de armazéns semi-arruinados, na paisagem nada chique do Harlem dos anos 80, a “integração” se cumpra, e o “brother” passe a ser também “deste planeta”. Di-lo aquele plano final, o “regard-caméra” (que tanta história tem no cinema moderno) do protagonista, o sorriso de Mona Lisa com que fita a câmara (e o espectador) antes de tombar o genérico final.

Luís Miguel Oliveira